

Maria Eduarda
Araújo Pereira
Graduada em
Ciências Sociais
pela Universidade
Federal da Paraíba
- UFPB.

Contato:

dudulagrima@
hotmail.com

Palavras-Chave:

Batalha do Half.
Hip Hop. Juventude.
Espaço Público.
Sociabilidade.

Keywords:

Battle of the Half.
Hip Hop. Youth.
Public Space.
Sociability.

O HIP HOP É A RUA: RIMAS, SOCIABILIDADE E LAZER NA PRAÇA DO HALF

Hip Hop is the street: rhymes, sociability and leisure in praça do half

Resumo: Entre rimas e afetos, a Batalha do Half, localizada na Praça do Half, na cidade de Cabedelo/PB, foi criada no dia 01 de novembro com o intuito de fomentar o movimento Hip Hop e a juventude da periferia. Considerada um espaço público ocupado pela juventude, essa praça onde acontecem as Batalhas de Rimas, é um movimento cultural, e além de trazer o resgate do conhecimento e da cultura Hip Hop, esboça o reflexo daquilo que o jovem vivencia, utilizando, assim, da rima e da poesia como arma de resistência. Ocupar os espaços públicos vai além de resistir, é uma ferramenta de (re)existir naquele corpo, naquele espaço, naquela cidade. As batalhas também são um mecanismo de construção de redes de afeto e símbolos de pertencimento, construído pelos pedaços e nos espaços da cidade. O objetivo deste trabalho é divulgar dados, fruto dos resultados de uma pesquisa etnográfica, realizada com o objetivo de perceber como esses jovens “constroem” a cidade com a arte e o grito de resistência das rimas e das poesias a partir das Batalhas de Rima, compreendendo como os jovens ocupam a cidade e ressignificam esses espaços, e como, ao mesmo tempo, a rima pode construir elos e afetos entre eles. Dessa maneira, os resultados mostram a relevância da arte da periferia tanto nos espaços públicos, como forma de desconstruir o estigma construído acerca do Hip Hop, quanto nas práticas com as Batalhas de Rima na construção de novas políticas públicas que podem ser construídas para a sociabilidade da juventude na cidade.

Abstract: *Between rhymes and affections, the Batalha do Half, located in Praça do Half, in the city of Cabedelo, was created on November 1st with the aim of promoting the Hip Hop movement and the youth of the periphery. Considered a public space occupied by young people, the Rhyme Battles are a cultural movement that, as well as bringing back knowledge and Hip Hop culture, reflect what young people experience, using rhyme and poetry as a weapon of resistance. Occupying public spaces goes beyond resisting, it's a tool for (re)existing in that body, in that space, in that city. The battles are also a mechanism for building networks of affection and symbols of belonging, building from the pieces and in the spaces of the city. The aim of this work is the result of ethnographic research that I carried out with the aim of understanding how these young people “build” the city with the art and cry of resistance of rhymes and poetry, from the Rhyme Battles, to understand how young people occupy the city and give new meaning to these spaces, and how at the same time rhyme can build links and affections between them. In this way, the final results show the relevance of the art of the periphery both in public spaces, as a way of deconstructing the stigma built up about Hip Hop, and the use of Rhyme Battles in the construction of new public policies that can be built for the sociability of youth in the city.*

INTRODUÇÃO

O Hip Hop é uma das expressões culturais mais relevantes para a juventude negra e, sobretudo, a periférica, pois o seu cerne surgiu na “quebrada”, expressão utilizada pelos jovens do movimento para se referir às comunidades. Além de atuar enquanto expressão cultural desses jovens, o Hip Hop obtém, também, a função de atuar enquanto expressão identitária e sociopolítica, na qual pode ser considerada um mecanismo de transformação social, na medida em que impulsiona os jovens a adquirir conhecimento sobre a sua própria condição social, mas também coletiva.

O autor Dayrell (2001) destaca que o Hip Hop, de origem dos subúrbios negros de Nova York, é uma mistura de diversos elementos artísticos, como o grafite, a dança, o break e a discoteca-

gem, tornando-os, assim, pilares da cultura Hip Hop e da expressão artística e identitária do jovem negro e da periferia. O rap significa ritmo e poesia, o que torna característico o elemento ancestral africano, difundido por todo o mundo. Esse gênero chega ao Brasil em 1970, quando os moradores das periferias dos centros urbanos começaram a se reunir e criar os “bailes black”.

Quando se pensa em Hip Hop, a rua vem logo em mente, pois os elementos do gênero estão espalhados por todas as partes da cidade, seja no grafite, seja nas próprias batalhas de rima. Além disso, torna-se perceptível que, com a juventude ocupando esses espaços públicos da cidade, pensa-se imediatamente em contestação, luta e resistência. No contexto do Hip Hop, destaco algumas das principais referências que serão utilizadas como guias para o artigo: Costa (2005), Leite (2005), Diógenes (2012).

Trazer o conceito de cidade para o trabalho configura-se na ideia não apenas no seu cenário urbano, que compreende as dinâmicas de comércio e as suas complexidades, mas requer, também, compreender que esse cenário atua como uma rede de afetos, com trocas e construção das identidades sociais, ao ponto de compreender-se que “a juventude usa, experimenta e recria a cidade” (Diógenes, 2012, p.114).

Estabelecendo uma conexão significativa entre a citação na obra da autora Diógenes (2012) e as práticas culturais juvenis intrínsecas ao Movimento Hip Hop, as batalhas de rima se destacam por sua capacidade de expressar identidade e resistência, e constata-se que tais manifestações encontram seu palco nas praças urbanas.

Como fomenta a cultura juvenil, as batalhas de rima são espaços de sociabilidade e lazer. Ademais, trazem mais visibilidade para o movimento, além de serem um meio de contestação social. São caracterizadas pelo duelo entre MC¹, nome este caracterizado para quem está disputando a rima com raciocínio rápido e criatividade.

Este artigo tem o objetivo de possibilitar a percepção de como esses jovens “constroem” a cidade com a arte e com o grito de resistência das rimas e das poesias, a partir das Batalhas de Rima, ou seja, compreender como os jovens ocupam a cidade e ressignificam esses espaços, e como, ao mesmo tempo, a rima pode construir elos e afetos entre eles, uma vez que são marcados pelo mesmo sentimento: o grito de resistência.

No que concerne à parte metodológica, adoto a abordagem etnográfica, empregando a técnica de observação participante. Esta metodologia é aplicada mediante à condução de diálogos informais no contexto das Batalhas do Half, situadas no município de Cabedelo. Nesse processo, a coleta de dados é realizada por meio de interações não estruturadas, através de conversações com os MC's, categoria referente aos jovens rimadores da batalha.

“O QUE VOCÊS QUEREM VER? SANGUE”

A Batalha do Half é uma prática cultural juvenil de rimas que ocorre em todas as quartas-feiras, às 20h, na Praça do Half, localizada no Município de Cabedelo, na grande João Pessoa. A Praça é localizada no centro da cidade de Cabedelo, e é mais conhecida como a Praça do skate, composta com cores quentes, como amarelo e laranja, e grafites por toda parte. Ao redor da Praça, há padarias, bares e escolas, e o fluxo de frequentadores no local não é tão escasso assim, visto que é composto mais pelos jovens que vão conversar com seus amigos, andar de skate, ou beber no bar perto da Praça.

Fomentando a cultura local de Cabedelo, o Hip Hop vem crescendo cada vez mais na ci-

dade, onde os atores sociais mais atuantes nas batalhas são os jovens. Eles se reúnem para conversar e criar batalhas de rima, com a finalidade de “mostrar que o Hip Hop é cultura e resistência, eles não vão ficar silenciados”, como mesmo havia falado um dos interlocutores.

Quando optei em pesquisar o Hip Hop, percebi que vai muito além do que compreendemos pela mídia, ou por falas estereotipadas da sociedade. Perceber o Hip Hop no seu cerne e no seu objetivo social é compreender que parte dele só existe na contemporaneidade devido ao papel atuante da juventude, sobretudo preta e periférica. O movimento ocupa a cidade de Cabedelo pelo grafite e pelas rimas, e é imprescindível destacar que a juventude cria e recria a cidade a partir das rimas, pois traz um novo cenário para Cabedelo, ou seja, é a (re)existência dos jovens. Além disso, a pesquisa etnográfica surgiu a partir do meu projeto de mestrado sobre as práticas juvenis e a Batalha do Half, coordenado pelo professor Marco Aurélio Paz Tella, que o construiu no espaço de tempo de 5 meses no ano de 2023, durante o período de fevereiro a julho. Tive a oportunidade de fazer uma pesquisa de campo com os jovens rimadores da Batalha do Half, onde pude ter conversas informais com eles, tanto presencial, quanto virtualmente, através das redes sociais.

Foram perceptíveis algumas dificuldades em me aproximar deles por ser uma mulher branca e pesquisadora, imersa em um movimento negro, em um espaço majoritariamente composto por homens, o que me trouxe timidez, e um pouco de dificuldade para acessar estes jovens, principalmente quando as conversas eram presenciais. No entanto, no decorrer dos meses, fui me aproximando cada vez mais deles, quando pude fazer amizades com o organizador da Batalha e com algumas pessoas da vizinhança.

Um dos meus maiores desafios em campo foi a comunicação, uma vez que escutei de alguns interlocutores que a sua rotina era corrida e que não tinha espaço para me receber e ser entrevistado. O segundo desafio foi a imersão em um mundo distinto do meu, embora esteja próximo da minha realidade, já que sempre frequentei as batalhas de rima na cidade e sempre me interessei pelo movimento. Entretanto, ser uma mulher branca, fazendo pesquisa de campo sob o olhar das pessoas que ali estão realizando a fomentação do movimento Hip Hop por interesse e apreço pela sua importância na cidade e a cultura, ao invés de ser uma espectadora das batalhas, provou ser uma experiência desafiadora.

No espaço virtual, as conversas aconteciam de forma mais lenta, menos intimidadora, e fluíam mais rápido, mesmo que ainda existissem alguns desafios durante a interação nas redes. Todavia, percebi algumas dificuldades em acessar os perfis nas redes sociais, como no Instagram² dos jovens rimadores, pois muitos não aceitavam a solicitação de amizade, além de haver falta de

1 MC é o nome retratado ao Mestre de Cerimônia da Batalha de Rima, no Hip Hop.

2 Instagram é um tipo de rede social no mundo digital.

velocidade em responder as mensagens quando eram questionados sobre as suas participações e a dinâmica da Batalha.

Rimar, de acordo com alguns dos moradores com quem eu conversei, é visto nada mais que uma “perda de tempo”, mas para muitos jovens, a rima é considerada uma forma de transformar a sociedade, transgredir o convencional e a lei, assim como a consciência coletiva. Isto me fez lembrar do Certeau (2000), quando, em seus estudos sobre a cidade e as dinâmicas sociais, retratou que as cidades podem passar por “táticas desviacionistas que não obedecem a lei do lugar” (Certeau, 2000, p.92). Dessa forma, posso compreender que o Hip Hop “desvia” o sistema e a lei do lugar, e que a juventude se mobiliza e ocupa as praças para fomentar cultura e gritos de existência.

Ao pensar na cidade de Cabedelo, é natural associar-se aos fluxos comerciais que a caracterizam. No entanto, também evoca no imaginário coletivo e social aquele sentimento que lembra como é morar em cidade de interior, visto que a cidade é composta majoritariamente por casas, onde os moradores vivem nas suas calçadas, conversando, e olhando os seus netos ou crianças brincarem nas ruas e nas praças.

A minha primeira ida ao campo me fez ter esse sentimento de acolhimento e pertencimento. No entanto, despertou uma inquietação na minha mente: será que esse acolhimento também ocorre em relação a cultura Hip Hop? Isto é, será que os moradores e o poder público acolhem as práticas culturais da cidade? Não irei adentrar nessas perguntas agora, mas responderei a elas posteriormente ao longo do artigo.

Cheguei à Batalha do Half às 19h em ponto. Estava ansiosa e querendo passar um pouco despercebida no campo de pesquisa, visto que, se alguém soubesse que eu estava ali fazendo pesquisa, poderiam me abordar como um ser “estranho”, que só queria estar ali no espaço para extrair informações. Infelizmente, esta é uma realidade que nós pesquisadores ainda enfrentamos.

Assim que cheguei à praça, dei uma volta nos arredores para perceber as pessoas que estavam naquele exato momento e me sentei. Observei crianças brincando com bolas de futebol, famílias conversando no banco da praça, mas ainda não tinha visto nenhum jovem que participava das Batalhas. Quando cheguei, tinha uma noção de quem procurar, pois Júlio, vulgo Mola (organizador da Batalha), me ajudou com as informações e conversas sobre a Batalha do Half, logo já fui inteirada sobre o que poderia escrever.

Quando deu exatamente 20h começaram a chegar os jovens, os “parceiros”, como eles mesmos se chamavam. Dei boa noite a todos e esperei eles se organizarem para poder começar a Batalha, quando um dos jovens rimadores disse: “Temos que dar nossos pulos³ para termos energia para a caixinha de som. A gente tem que

se virar em dois para ocupar e recriar a cidade”. Assim que ouvi essa fala de um dos meus interlocutores, peguei o meu diário de campo e anotei essa frase, pois, durante o trabalho de pesquisa etnográfica, nós antropólogos, “precisamos ouvir, escrever e falar” (Oliveira, 1996).

Após conseguir a energia para a caixa de som, fizeram um pequeno ensaio, e começaram a entrar no clima da Batalha. E de repente ouvi um: “O que vocês querem ouvir? Sangue”⁴, e foi logo aí que percebi que a Batalha tinha começado. As rimas fluíam e os duelos entre os MC’s ficavam cada vez mais tensos. Na batalha de rima, são 3 rounds⁵, um a cada rima finalizada. Quando um MC – Mestre de Cerimônia – ganha, é anotado em um papel como o vencedor dessa rodada da Batalha, da qual ele posteriormente irá participar de mais rounds. O vencedor de cada Batalha do dia pode ganhar algum presente oferecido por algum artista da cidade, além de pontos para competir no evento Estadual.

O processo de competição para o Estadual acontece através das seleções a partir das Batalhas de rima que acontecem toda semana. A Batalha do Half acontecia às quartas-feiras, na Praça do Half, às 20h. Cada vencedor da Batalha, como fora dito anteriormente, era pontuado em um papel até chegar próximo do dia do Estadual, quando poderia competir com os jovens rimadores de outras Batalhas que acontecem em João Pessoa. Na fase final, apenas um jovem vai representar a Paraíba no Estadual, na qual compete com outros jovens do Estado.

Durante o trabalho em campo, escrevi o que tinha analisado no local e conversei com alguns dos MC’s. Dessa forma, me utilizei das palavras de Ingold (2015), ao dizer que a antropologia é fazer pesquisa com o povo, isto é, é preciso conviver com eles, conversar. Logo, durante as minhas idas ao campo, algo que fiz em demasia foi conversar com os interlocutores.

Na Batalha do Half, o que mais percebi foi a juventude sendo atuante e representando o Hip Hop. Majoritariamente ocupado por homens negros, com faixa etária entre 20 e 26 anos, era perceptível, também, a presença de mulheres na Batalha, mas atuando como espectadoras, e não como MCs. A minha aproximação com as mulheres que estavam assistindo a Batalha foi superficial, visto que conversei apenas para saber se elas iam para a Batalha com frequência e o que achavam dela. Avaliando as suas respostas, compreendi que o Hip Hop e o vínculo com os jovens que faziam a Batalha era o que as levava para assistir, e ainda pontuaram que viram poucas vezes a presença feminina nos encontros.

Após estes relatos, implicações e inquietações surgiram enquanto pesquisadora em campo. Uma delas foi a escassez da atuação das meninas na Batalha de Rima enquanto rimadoras devido à questão territorial de mulheres do movimento que não moram no bairro, uma vez que isso dificultaria a participação nas Batalhas. Ademais, pensei na questão de territorialidade e

3 A expressão “temos que dar nossos pulos”, significa estar sempre enxergando uma forma de resolver o problema e fazer acontecer a Batalha de Rima.

4 A expressão: “O que vocês querem ver? Sangue”, é uma expressão utilizada nas Batalhas de Rima, pelos MC’s, para mostrar que ali acontecerá um duelo de MC’s, uma disputa.

5 Round é utilizado ao período de tempo relacionado a cada disputa entre os MC’s.

cenário político, dado que esses espaços públicos refletem o impacto social através das experiências dos sujeitos. Dessa maneira, percebe-se que os espaços públicos da cidade, como as praças, podem ser ocupadas pelos jovens, que cada vez mais manifestam a sua arte.

O conceito de território é relevante no que diz respeito às Batalhas de Rima, visto que, segundo os autores (Leal; Lima; Reis, 2021), a territorialização refere-se a um espaço onde há trocas afetivas, pertencimentos e resistências. A territorialidade ocorre quando um grupo específico de determinada tribo social se une, ocupa e se apropria do espaço. Ainda por dentro desse universo de território, os grupos excluídos que se encontram à margem passam por um processo de desterritorialização, ou seja, quando uma cultura ou grupo social é negado socialmente, tem seu território invadido e oprimido pela sociedade civil ou pelo Estado, e passa a ser proibido ou restrito de suas manifestações em determinados locais. É dessa forma que os jovens resistem e resgatam a sua história e os seus espaços: pelo processo de “reterritorialização”. Dessa maneira, percebe-se que a Batalha do Half, por ser uma prática cultural juvenil e específica do Movimento Hip Hop, passa por um processo de territorialidade.

É a partir dela que os jovens se autenticam no mundo e constroem, também, a sua identidade, reconhecendo-se como parte integrante do movimento e do lugar que habitam. Desta forma, a escolha da territorialidade para o Hip Hop está pautada em dois pontos: o primeiro é a relação que o Movimento Hip Hop possui com a cidade e com a juventude, e o segundo é a relação dos jovens que participam da Batalha do Half com a cidade, e quais as marcas deixam nesses espaços.

Entre rimas e conversas, pude me aproximar dos MC's durante as minhas imersões no campo e construí uma rede de apoio com algum deles. No entanto, no campo, tive algumas implicações para a coleta de dados, onde eu mais observava do que perguntava, e foi no espaço digital que tive mais conversas, as quais puderam responder às minhas inquietações enquanto pesquisadora.

Um dos aspectos primordiais que me orientaram a estabelecer um diálogo com um dos MC's foi a sua relação com a cidade de Cabedelo e a música. Em resposta a essa questão, um deles afirmou que “rimavam porque o Hip Hop pertence à rua”, ou seja, “o Hip Hop é nosso”. Enquanto o outro participante argumentou que: “Cabedelo, mais precisamente a Praça do Half, é o local adequado para isso ocorrer; é o lugar ideal, pois a Praça do Half é emblemática”. Esta perspectiva me evocou as palavras de Costa (2005), que se sustentam ao afirmar que o Hip Hop é o que move a periferia a existir naquele espaço, e por meio das rimas e do Hip Hop, a juventude do gueto pode expressar-se da maneira que desejar.

Outro elemento central que destaco como relevante e emblemático para a Batalha do Half é o pixo⁷, uma forma de grifo que podem ser frases, nomes ou demarcações. Os jovens rimadores pichavam os muros das praças com siglas ou frases que destacavam ser importantes para mostrar que passaram por ali, como se aquele “pixo” lhes trouxesse representação social e visibilidade. Um registro relevante foi quando um dos MC's, após a batalha, fez um “pixo” na parede e falou: “Nós faz pixo que é pra deixar registrado que passamos por aqui. O pixo é o espaço ocupado”. Nesse contexto, o interlocutor aponta que o ato de pichar insere o indivíduo no mundo, ou seja, em sua cidade, mostrando a sua relação com o espaço, como ele o alcança e se vê reconhecido e, assim, se torna visível na sociedade. Ademais, enfatiza que o ato de pichar representa um símbolo representativo das Batalhas de Rima, revelando-se como um elemento identitário dessa juventude e dessa prática em particular.

Outra forma que pude perceber de como os jovens nas Batalhas fazem a cidade e como se inserem nela foi através da transgressão da hegemonia cultural, uma vez que o Hip Hop é estigmatizado e estereotipado. Quando um dos moradores conversou comigo e falou sobre o sentimento de incômodo que tinha devido ao “barulho” que as batalhas causavam, pontuou que mesmo que seja relevante para o bairro e para os jovens que possuem o intuito de romper com o sistema imposto sobre eles, atrapalham o silêncio dos moradores do bairro. É a partir dessa ocupação que os jovens rimadores encontram maneiras alternativas para burlar, quebrar o sistema que os silenciam, e o Hip Hop e a Batalha fazem isso: dão voz aos excluídos.

Dessa maneira, a razão da Batalha do Half acontecer em um espaço público é a visibilidade a essa cultura e ao Movimento Hip Hop, para que, assim, os jovens sejam reconhecidos na sociedade, além do significado e da representação que os MC's dão à Praça, por ser, segundo eles, um lugar representativo para a Batalha, já que, segundo um dos MC's, a própria Praça do Half já traz um sentimento de resistência por ter, também, elementos que possam caracterizar o jovem que gosta de Hip Hop, isto é, por ser uma Praça de skate.

O autor Magnani (2000; 2012) contribui para o diálogo sobre apropriação e espaço público ao se utilizar do conceito de pedaço para se referir à um espaço do qual os jovens se sentem pertencentes, onde constroem as relações afetivas e a sua sociabilidade. Desse modo, como podemos pensar na apropriação dos jovens na Batalha do Half? Um dos MC's organizadores da Batalha argumenta que: “o Hip Hop é a rua, é o nosso lugar, é a nossa forma de falar com o mundo”. Percebe-se que a Praça do Half representa um pedaço que evoca um profundo sentimento de identidade e pertencimento, não apenas ao Hip Hop, mas também à própria juventude.

7 Pixo é o mesmo de pichação, de algo escrito, traços ou símbolos.

Dessa maneira, os espaços públicos são lugares tanto de socialização, pois podem trazer um sentimento de identidade e pertencimento coletivo, quanto de resistência. Tendo em vista os resultados e inquietações durante o campo, sobre a Batalha do Half e a juventude, foi compreendida que a ocupação desses espaços é uma alternativa que o jovem encontra para fomentar a cultura periférica e recriar a cidade, dando mais visibilidade a esses espaços. Além disso, os jovens que participam das batalhas atuam nesses espaços para soltar um grito de resistência a fim de não mais ficarem silenciados e apenas falam: “Ei, o Hip Hop é a rua”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa investigação etnográfica possui um papel fundamental para o aprofundamento sobre a cultura Hip Hop. É sobre quebrar estigmas de preconceitos raciais e sociais que permeiam o imaginário social da sociedade. É sobre romper as fronteiras e mostrar que é um movimento que não tem medo de transgredir o que parece óbvio e que transforma o ordinário no extraordinário. É sobre romper com o silêncio dos que acreditam que o gueto não tem cultura.

Outro resultado importante nesta pesquisa resulta na compreensão de que qualquer lugar da cidade pode ser criado e recriado pelos jovens, ainda mais quando o assunto envolve a arte. Eles pegam o ordinário de um meio e o transformam na execução do extraordinário, onde, por exemplo, uma árvore pode servir de “gato”, isto é, energia, para que eles possam ligar a caixinha de som e fazer as suas rimas. O Hip Hop é sem fronteira com o conhecimento, pois navega por todas as áreas, desde as Exatas até as Humanas, pois, para eles, “na natureza nada se cria,

tudo se transforma”, frase esta dita pelo químico Lavoisier. Assim, transformam caos em arte, e a cidade em rima.

A Batalha do Half resulta em uma expressão cultural juvenil de se fazer poesia nas ruas e nos becos. É trazer identidade e pertencimento para aqueles que têm a ânsia de transformar a sua condição social. É trazer ancestralidade também, visto que o Hip Hop vem dos guetos, dos negros, e as rimas nada mais são do que o sangue e o silenciamento que escorre entre as palavras, e que nem todos sabem interpretar, apenas aqueles que não limitam a sua visão, uma vez que, para a Antropologia, é essencial que tenhamos essa alteridade entre as culturas.

Por fim, compreende-se que a juventude atua em um papel dialógico e ativo com a sociedade, ocupando os espaços públicos onde as Batalhas de Rima se caracterizam como um deles, trazendo representatividade coletiva, sociabilidade e dando sentido ao Movimento Hip Hop. Como exemplo, para além das Batalhas, citei o pixo que, além de representar simbolicamente estes jovens, carrega uma atmosfera política e transformadora. Uma vez que as Batalhas são amplamente reconhecidas como um local de acolhimento da Cultura Hip Hop, nelas, os participantes experimentam um forte senso de pertencimento, assemelhando-se a uma verdadeira comunidade. É um certo diálogo entre aqueles que falam e aqueles que rimam. Aqueles que falam afirmam que não têm importância, mas aqueles que rimam mostram que dois mais dois é par, e reinventam até a própria matemática na música, no rap. E respondendo à pergunta que tinha feito no início do artigo, a cidade, como um todo, pode não acolher tanto a população nas suas mais diversas culturas, mas a juventude acolhe o Hip Hop. Pois bem, viva o Hip Hop, viva a rima

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, André Andrade de. **Avaliação da microbiota bucal em pacientes sob uso crônico de penicilina e benzatina**. 2009. Tese (Doutorado em Cardiologia) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

COSTA, Maurício Priess. A dança do movimento Hip Hop e o movimento Hip Hop da dança. In: FÓRUM DE PESQUISA CIENTÍFICA EM ARTE, 3., 2005. Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Escola de Música e Belas Artes do Paraná, 2005. Disponível em: <http://anais.embap.br/artigos/MaurEDcioPriess.pdfMovimentoHipHopDan>. Acesso em: 28 ago. 2025.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte**. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano: as artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2000.

DIÓGENES, Glória. Juventudes, Violência e Políticas Públicas no Brasil: tensões entre o Instituído e o Instituinte. **Revista Sinais Sociais**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 18, p. 102-127, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21358/1/2012_art_gmsdiogenes.pdf. Acesso em: 26 ago. 2025.

INGOLD, Tim. Antropologia não é etnografia. In: INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição. Rio de Janeiro: Vozes, 2015. Epígrafe.

LEAL, Álida A. Alves; LIMA, Gerson D.; REIS, Juliana B. dos. **Territórios e culturas juvenis**. Belo Horizonte: Juviva, 2014. Disponível em: <http://observatoriodajuventude.ufmg.br/juviva-conteudo/05-02.html>. Acesso em: 05 ago. 2021.

LEITE, R. P. **Contra-usos da cidade**: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas: Ed. da Unicamp; Aracaju: Ed. da UFS, 2004.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro**: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). **Na metrópole**: textos de antropologia urbana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 15-53.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, Brasil, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/111579>. Acesso em: 28 ago. 2025.